

## Um sertão chamado Brasil: intelectuais, sertanejos e imaginação social

Esta tese discute o sentido atribuído, no pensamento social brasileiro, à relação entre litoral e interior, considerando as versões que valorizaram negativamente os 'sertões' vistos como espaço da barbárie ou do atraso cultural, as que os idealizaram como lugar em que se desenvolveria a "autêntica nacionalidade", e as ambivalências em torno desta representação geográfico-social. Procura demonstrar que a grande presença do tema esteve associada a um duplo movimento: de um lado, à forma como os intelectuais perceberam os caminhos da modernidade na sociedade brasileira, particularmente no que se refere às distâncias sociais e culturais; e, de outro, à inserção da *intelligentsia* brasileira nessa sociedade, e à forma como ela representou o seu lugar: "des-terrados na própria terra."

A construção de argumentos sociológicos é relacionada ao processo de *nation-building*, nas dimensões de integração territorial e dos estratos sociais. No caso da sociedade brasileira, um dos eixos centrais de representação deste processo consiste no dualismo entre litoral e interior, presente em toda uma tradição de estudos que elegeu como objeto o homem das regiões interioranas, identificado no sertanejo ou no caboclo ou, ainda, no caipira. Este foi um dos focos privilegiados pelos textos de cunho sociológico produzidos na segunda metade do século XIX, nas três primeiras décadas do século XX e na fase de institucionalização universitária das ciências sociais.

**Nísia Verônica T. Lima**

Diretora da Casa de Oswaldo Cruz  
Tese de doutoramento em ciências sociais  
Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do  
Rio de Janeiro (IUPERJ) dezembro, 1997  
Av. Brasil, 4365 Prédio do Relógio  
21040-360 Rio de Janeiro — RJ Brasil  
e-mail: lima@fiocruz.br

## Entre o simbolismo e os diagramas da razão: imagens de magia e de ciência

Nesta pesquisa foram analisadas imagens alquímicas/químicas, relativas ao processo de destilação, produzidas na Europa durante os séculos XVI e XVII. Nelas se observa grande diversidade tanto de objetos representados quanto de técnicas artísticas empregadas em sua elaboração. Imagens simbólicas relativas ao conhecimento alquímico e representações de aparatos de laboratório e da matéria eram divulgados na Europa através de imagens pintadas em manuscritos, xilogravuras inscritas nos primeiros livros impressos e, a partir da metade do século XVI, gravuras em cobre.

A partir do final do século XVII, tal diversidade tende a desaparecer. As imagens simbólicas da alquimia tornam-se menos frequentes e passam a predominar gravuras a buril, precisas, representando equipamentos de laboratório com extrema exatidão.

As imagens podem ser consideradas resultado da interação entre as concepções que veiculavam e as técnicas artísticas empregadas em sua produção e reprodução. Levando isso em conta e considerando, também, as transformações no pensamento científico e nas técnicas de produção e reprodução de ilustrações ocorridas no período, procuramos, através de imagens de magia e de ciência estudar aspectos do movimento que, ao mesmo tempo, minimizavam o simbolismo da alquimia e sinalizavam o advento da química moderna.

Selecionamos para estudo a obra de Hieronymus Brunschwig sobre a arte da destilação (publicada a partir de 1500) e o *Thesaurus Euonymi Philiatri* (1552), de Conrad Gesner, ambos ilustrados com xilogravuras. O tratado alquímico *Splendor Solis* — outra obra selecionada — circulou a partir do final do século XVI em manuscritos iluminados e em livros impressos com imagens gravadas. Entre as obras

contendo imagens elaboradas por meio da técnica de gravura em cobre, destacaram-se *Atalanta Fugiens* (1617), escrita por Michael Maier, considerada um dos pontos altos da gravura alquímica, e o *Cours de Chymie* de Nicolas Lémery, que ensinava a preparação de remédios, publicado pela primeira vez em 1675.

**Maria Helena Roxo Beltran**

Tese de doutoramento, 1996  
Capes/Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo (PUC-SP)  
Professora do Programa de Estudos  
Pós-graduados em História da Ciência da PUC-SP  
Rua Marquês de Paranaguá, 111 — Prédio I, Sala 2  
01303-050 São Paulo — SP Brasil

**As ciências em Portugal e no  
Brasil (1772-1822): o texto  
conflituoso da química**

A reforma de 1772 da Universidade de Coimbra insere-se num conjunto de medidas que procurava colocar o reino português na via de desenvolvimento da Europa. No que respeita ao ensino universitário, as medidas modificavam os cursos de leis e teologia e transformavam completamente o curso de medicina. O ponto crucial da reforma foi a criação do curso filosófico como preparatório para as outras faculdades, abrangendo agora o estudo das ciências modernas, como a história natural, a física experimental e a química (ensinada pela primeira vez em Portugal).

Para o ensino e, também, a produção de conhecimentos no âmbito das ciências naturais e filosóficas foram criados diversos estabelecimentos, como o Teatro Anatômico, o Observatório Astronômico, o Museu de História Natural, o Jardim Botânico, o Gabinete de Física Experimental e o Laboratório de Química.

O curso filosófico deveria formar um novo tipo de profissional em Portugal: o filósofo natural, a quem seriam destinados diversos cargos no governo, como o de naturalista.

Algumas instituições criadas por volta do final do século XVIII, como a Academia das Ciências de Lisboa e o Laboratório Químico da Casa da Moeda, tinham como objetivos a produção e a

divulgação do conhecimento sobre a natureza associados ao estudo de sua aplicação. Entretanto, dificuldades de muitas ordens se interpuseram, tornando longo o caminho da institucionalização das ciências químicas em Portugal.

Se tantas dificuldades castigavam a metrópole, piores eram as condições na colônia americana. Apesar do grande interesse de brasileiros pelo estudo das ciências naturais em Coimbra, pouco puderam fazer em sua terra aqueles que a ela regressavam.

**Márcia Helena Mendes Ferraz**

Tese de doutoramento, 1995  
CAPES/Pontifícia Universidade Católica  
de São Paulo (PUC-SP)  
Professora do Programa de Estudos  
Pós-Graduados em História da Ciência da PUC-SP  
Rua Marquês de Paranaguá, 111 — Prédio 1, Sala 2  
01303-050 São Paulo — SP Brasil

**Gênese e constituição da educação  
alimentar: a instauração da norma**

O objetivo deste trabalho é recuperar a gênese e constituição da educação alimentar através da literatura especializada sobre alimentação referente aos anos de 1934 a 1946, privilegiando o biológico e o social.

O período de 1934 a 1939 caracterizou-se pela configuração das bases da alimentação racional, ao passo que de 1940 a 1946 transcorreu um processo de reordenamento do conhecimento anteriormente produzido, sob a perspectiva da síntese e definição dos marcos conceituais e disciplinares da ciência da nutrição. Resultou na definição de duas formas disciplinares para a educação alimentar: higiene e educação alimentar, com maior preocupação com o conteúdo, e educação alimentar, centrada nos instrumentos pedagógicos e configurando a especificidade desse campo.

**Eronides da Silva Lima**

Dissertação de mestrado, 1997  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Centro de Ciências da Saúde — Instituto de Nutrição  
Rua Ajeréa, 30/302 — Jardim Guanabara  
21940-590 Rio de Janeiro — RJ Brasil  
Tels.: 393-6577/560-8293 Fax: 280-8343

## **François Rabelais e a fisiologia do riso do século XVI: a terapêutica médico-satírica de *Gargântua e Pantagruel***

Esta tese intenta averiguar se *Gargântua e Pantagruel*, as divertidas crônicas que imortalizaram o humanista e médico François Rabelais (c. 1494-1533), não teriam implicações tanto clínicas quanto satíricas. Adotei diretrizes historiográficas e metodológicas recentes da história da ciência tendo em vista levantar os fundamentos teóricos e as injunções contextuais da fisiologia do riso do século XVI. Procurei as fontes que teriam subsidiado as pretensões médico-satíricas das crônicas rabelaisianas.

Encontrei discrepâncias entre a gargalhada satírica de Rabelais e o molde de riso proposto por pensadores quinhentistas, como conde mantuano Baldassare Castiglione (1478-1529), o humanista hispânico Juan Luis Vives (c. 1492-1540), o médico veronense Girolamo Fracastoro (c. 1478-1553), o humanista bresciano Vincenzo Maggi (c. 1500-64) e o médico da Universidade de Montpellier, Laurent Joubert (1529-82). De modo geral, dando mais ênfase aos tratados retóricos de Cícero (106-43 a. C.) do que à *Poética* associada a Aristóteles (284-322 a. C.), esses estudiosos preconizam o riso moderado, sem os excessos inerentes a uma alegria paroxísmica, nem aos vitupérios próprios de uma ridicularização ofensiva. O riso seria bem-visto e saudável desde que observasse a sempiterna doutrina do justo-meio.

Sendo libelos em prol dos ideais humanístico-evangelistas de Rabelais, as crônicas *Gargântua e Pantagruel* parecem ter emprestado boa parte de seu modelo de riso das pseudo-hipocráticas *Cartas de Demócrito*. Possivelmente escritas entre os séculos I a. C. e II d. C., estas diatribes epistolares deram origem à lenda de que o riso contínuo de Demócrito de Abdera (c. 460-370 a. C.), longe de ser fruto de demência, provinha de sua excepcional sabedoria, motivo pelo qual se distinguiu entre os contemporâneos como “o único capaz de melhor ensinar a virtude à humanidade.” Essas epístolas, possivelmente imitando Diógenes de Sínope (413-323 a.C.) e seus seguidores cínicos, sustentam que o riso é igualmente terapêutico quando corrige vícios e encaminha as pessoas para a virtude. Enfim, dessas fontes antigas, muito em voga no Quinhentos, parece derivar a intenção das crônicas rabelaisianas de sanar os desmandos que afligiam a sociedade quinhentista. Já o intuito explícito de mitigar o sofrimento dos doentes, afora ter certo fundamento médico, era chavão na literatura cômica renascentista.

### **Vera Cecília Machline**

Tese de doutoramento, 1996  
 CNPq/Capes/Pontifícia Universidade  
 Católica de São Paulo (PUC-SP)  
 Professora do Programa de Estudos Pós-graduados  
 em História da Ciência da PUC-SP  
 Rua Marquês de Paranaguá, 111 — Prédio 1, sala 2  
 01303-050 São Paulo — SP - Brasil

